

SOBRE ESTE NÚMERO

Por Clara Carnicero de Castro e Mariana Teixeira Marques

O limite, segundo o verbete de Diderot na *Enciclopédia*, é uma linha tênue para além da qual não se permite passar. Nos seus setenta e quatro anos de vida, Donatien Alphonse François de Sade (1740-1814) parece ter perscrutado esse fio em toda a sua extensão. O marquês afronta, esgarça e desafia limites, seja nas alcovas ou nas prisões, não importa se na Monarquia, durante a Revolução, na República ou no Império de Napoleão. Ainda assim, a linha se expande por conta da censura política e do moralismo social, para contrair-se somente à força da libertinagem, insinuada na experiência e exacerbada na escrita. Se a realidade confina o libertino, a ficção sadiana enclausura o pudico, liberando o debochado à busca desenfreada de sensações intensas. Mas a tensão que se instala no ato de impor e transgredir limites não se restringe à fronteira entre vítimas e carrascos; ela é capaz de se alastrar, infiltrando-se nas relações entre os celerados, que passam a testar, uns nos outros, suas capacidades transgressivas.

Por um lado, tanto o discurso filosófico quanto a prática do deboche podem ser limitados por um resto de preconceito, pela falta de sangue-frio ou mesmo, num extremo oposto, por um excesso de circunspeção e de racionalismo. É infinitamente sutil a divisa que separa o crime dito puro do crime de entusiasmo, a imaginação das ilusões, ou ainda a sensibilidade física dos afetos sentimentais. Por outro lado, se o motor do desejo é a violação de todas as barreiras, deve-se admitir o obstáculo para poder ultrapassá-lo. Como nota o personagem Bressac, de *A nova Justine*, “um ser que exclui todo limite não é suscetível de adições” (II, 940). A filosofia libertina desconstrói assim as regras sociais e políticas, mas a superação pelo excesso deve erigir novos diques a fim de tornar possível e renovável a prática da transgressão.

A ideia de limite na obra e na vida de Sade é, portanto, ambígua e ambivalente. “Estendem-se ou estreitam-se os *limites*”, dizia o enciclopedista. Com efeito, as balizas entre a filosofia e a literatura se dissolvem, assim como as que separam a ciência da ficção, a lógica materialista das extrapolações romanescas, as experiências do autor das façanhas de seus personagens. Entretanto, o trabalho de interpretação e análise implica uma extensão dos limites: é preciso cindir aspectos divergentes para melhor examiná-los, sob a condição, é claro, de reuni-los em seguida. Pois os limites nunca são definitivos, ainda mais quando se trata dos escritos do marquês. Os elementos que se decompõem num primeiro tempo devem se agregar sob outras formas num outro momento. Nos duzentos anos que se seguem à morte de Donatien Alphonse François, as teorias e práticas de seus heróis mudam evidentemente de forma por meio das obras que influenciam. Artistas de todas as sortes transmutam essa

“filosofia lúbrica”, ultrapassando ou inventando novos limites. Sua essência, porém, mantém-se viva e estende-se por toda parte, do fim do século dezoito até os dias de hoje.

No intuito de comemorar o bicentenário da morte de Sade, a Universidade de São Paulo (USP) e a Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), com o fomento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), reuniram nos dias 15, 16 e 17 de dezembro de 2014, no auditório da Biblioteca Mário de Andrade – local histórico no centro de São Paulo –, vários estudiosos da obra do marquês e do século XVIII, inserindo o Brasil num contexto de celebrações que ocorreram em diversos países ao longo do ano. O Colóquio Internacional *Sade e o Limite: 274 anos de transgressões* pretendeu homenagear esse grande pensador e romancista – ainda pouco estudado no país – com reflexões e debates, além de uma apresentação deliciosamente sadiana do grupo Satyros e da projeção do filme “Salò ou 120 Dias de Sodoma”, de Pier Paolo Pasolini.

Para o presente volume destes *Cadernos de Ética e Filosofia Política*, os palestrantes do colóquio foram convidados a transformar suas apresentações em artigos, possibilitando uma sensação de perpetuidade para aqueles três dias de festa. Os trabalhos aqui agrupados consistem, de fato, na transmutação em sua essência: a matéria sadiana circula por diversas áreas de conhecimento, ela se dissolve, dispersa-se e recombina-se de inúmeras formas. Esse fluxo, que gira em torno do tema do limite, mas – seguindo a tradição de um autor tão transgressor – incita a extrapolação de qualquer barreira, jaz como uma resposta filosófica à necessidade de fazer Sade ressurgir.